



(<https://focusonthekingdom.org/>)

## Cristianismo Platônico

Título Original (em Inglês):  
“*Platonic Christianity*”.

por Edward G. Acton

*Tradução (Translation):*  
**Fernando Coutinho Sánchez**  
([ferjosousan@gmail.com](mailto:ferjosousan@gmail.com))  
Machalí - Osorno, Chile,  
setembro de 2024

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Revista e atualizada (ARA). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



### “*Que harmonia existe entre Cristo e Platão?*” (Adaptado de 2 Coríntios 6:15)

Pode não ter ouvido falar do “*Cristianismo Platônico*”. Não pensamos que encontre um livro com este título na biblioteca. Na verdade, não é um termo utilizado com frequência, mesmo nos círculos teológicos. É um tema que infelizmente, e talvez intencionalmente, é evitado. Aborda uma questão séria relacionada com certas doutrinas evangélicas tradicionais populares e, por esta razão, leia esta apresentação com oração e com a mente aberta para o que o Senhor nos possa estar a querer revelar.

O que significa o termo “*Cristianismo Platônico*”? Deve referir-se a uma combinação, de alguma forma, da filosofia platônica e da doutrina cristã. Mas onde encontramos tal combinação? O que tem Platão a ver com a Bíblia? “*Ou que comunhão, da luz com as trevas?... Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos?*” (2 Coríntios 6:14, 16).

Gostaríamos que a pergunta fosse mais difícil de responder. O facto é que é surpreendentemente fácil e surpreendentemente revelador. O Cristianismo aceitou abertamente certas doutrinas platónicas que são contrárias ao ensino bíblico. Na verdade, estes elementos platónicos são hoje tão universalmente aceites que raramente se suspeita da sua origem. A sua discordância com as Escrituras não é conhecida ou não é mencionada. Na verdade, sugerir que certas doutrinas tradicionais são de origem platónica, e não bíblica, resulta, por vezes, na classificação de alguém como sectário ou herege.

No entanto, historiadores de renome da Igreja registam a aceitação das doutrinas platónicas pela Igreja nos seus primeiros séculos. Observam a fusão completa da religião do Novo Testamento com a tradição platónica da filosofia grega no final do século IV ou início do século V d.C. Nesta introdução basta dizer que a área da doutrina cristã mais afetada pela influência platónica é a doutrina do homem, da sua natureza e do seu destino.

Nesta secção deste estudo explicaremos o termo “platónico”, chamaremos a atenção para as doutrinas platónicas que parecem ter sido adotadas pelos cristãos e para o ensinamento bíblico contrastante, e traçaremos o desenvolvimento histórico.

## **O significado do platonismo e os seus ensinamentos sobre a natureza e o destino do homem**

O termo Platonismo refere-se à filosofia de *Platão* (427 (?) – 347 a.C.), um dos mais importantes filósofos gregos. As áreas da sua filosofia que mais seriamente influenciaram o Cristianismo são os seus ensinamentos sobre (1) a natureza do homem (antropologia), (2) a morte (tanatologia) e (3) os acontecimentos futuros (escatologia).

No que diz respeito ao homem, *Platão* ensina o dualismo antropológico que afirma que o homem é composto por duas partes separáveis, uma parte inferior material e mortal, o corpo, e uma parte superior imaterial e imortal, a alma. Considere que a alma é a pessoa real; para ele, o homem é um ser espiritual. Aqui estão as suas próprias palavras:

“O homem não se preocupa com o corpo que morre, mas, na medida do possível, afasta-se dele e volta-se para a alma”. [1]

“A alma é a mais semelhante ao divino e ao imortal... o corpo é o mais semelhante ao humano e ao mortal”. [2]

*Platão* ensina que só morre o corpo, não a alma (a pessoa real). A morte é a separação da alma da sua “prisão”, o corpo. Aqui estão novamente as suas palavras:

“Acreditamos que existe algo chamado morte? Será algo mais do que a separação da alma do corpo?” [3]

(Citando Sócrates) “Não o deixes preocupar-se comigo, nem o deixes dizer no meu funeral que está a enterrar o Sócrates. Seja confiante e diga que está a enterrar o meu corpo”. [4]

*Platão* antecipa a felicidade na presença de Deus. Cita Sócrates dizendo:

“Quando tiver bebido a poção, já não estarei aqui contigo; terei ido para alguma felicidade dos bem-aventurados”. [5]

O próprio *Platão* diz:

“Quando o homem morrer... a parte visível dele, o corpo, dissolver-se-á e desaparecerá ..., mas a alma, a parte invisível, vai para outro lugar nobre, puro e invisível ... para a presença do bom Deus e sábio, para onde, se Deus quiser, a minha própria alma deverá ir em breve. Ela vai para o invisível, que é como ela própria – divina e imortal – onde, ao chegar, tem a oportunidade de ser feliz, livre de deambulações, de loucuras, de medos, de amores selvagens e de todos os outros males humanos”. 16]

## O ensino contrastante da Bíblia

A Bíblia ensina que o homem é uma simples unidade de “pó”. Lemos em *Gênesis 2:7*: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra”. Deus disse a Adão: “porque tu és pó e ao pó tornarás” (*Gênesis 3:19*). Abraão testemunhou: “eu que sou pó e cinza” (*Gênesis 18:27*), e David: “Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó” (*Salmo 103:14*).

Nas narinas deste pó formado, Deus soprou o “fôlego de vida” ou “espírito de vida”, conforme registado em *Gênesis 2:7*, Amplificada: “o fôlego ou espírito de vida”. É interessante que Job, usando a típica forma poética hebraica de expressar uma verdade usando sinónimos em linhas paralelas, diz: “O Espírito de Deus me fez [Amplificada: ‘acordou-me’] e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida” (*Jó 33:4*). Ele diz: “enquanto em mim estiver a minha vida, e o sopro de Deus nos meus narizes” (*Jó 27:3*). O homem do pó foi animado pelo “sopro (ou espírito) de vida”, como consta na última secção de *Gênesis 2:7*: “e o homem passou a ser alma vivente” (ou “ser”, NASB, NVI, Amplificada).

Uma equação simples pode ajudar:

**PÓ + RESPIRAÇÃO = UM SER VIVO**

Note-se que a inalação do sopro de Deus não acrescentou um segundo elemento à natureza do homem; Isso apenas levantou a poeira. *Eugene Carpenter*, em “A obra de Deus na criação”, afirma muito taxativamente:

“O sopro de vida é simplesmente uma forma de dizer que o homem foi animado pela transmissão do sopro de Deus. A palavra hebraica ‘*nismah*’ não denota algum elemento divino que Deus comunicou a Adão. Deus não impregnou um ser já vivo com elementos divinos para criar o homem. Em nenhum lugar a palavra ‘poeira’ é utilizada para indicar um ser que já viveu”.

A Bíblia define e descreve a morte como um acontecimento e como um estado. Afirma claramente que quando Deus tira o fôlego vital (ou espírito vital) que emprestou ao homem, nada mais resta senão pó. Veja algumas das Escrituras que tratam do evento da morte. Job declara: “Se Deus pensasse apenas em si mesmo e para si recolhesse o seu espírito e o seu sopro, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó”. (*Jó 34:14, 15*). Palavras quase idênticas encontram-se no *Salmo 104:29*: “se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó”. Em *Eclesiastes* a afirmação é feita tanto a respeito do homem como dos animais: “todos procedem do pó e ao pó tornarão” (*Eclesiastes 3:20*), e “e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (*Eclesiastes 12:7*).

Como equação, esta conceção é a inversão da equação de criação anterior:

## UM SER VIVO – RESPIRAÇÃO = PÓ

Note-se também a descrição bíblica do estado de morte. Em primeiro lugar, a Bíblia deixa claro que os mortos estão totalmente inconscientes. “*os mortos não sabem coisa nenhuma*” (Eclesiastes 9:5). “*O seu espírito parte*”, diz o salmista, e, “*Pois, o seu fôlego sai [‘deixa-o’, Amplificada]; ... Nesse mesmo dia, os seus pensamentos perecem*” (NVI: ‘*os seus planos dão em nada*’) (Salmos 146:4). “*s mortos não louvam o SENHOR, nem os que descem à região do silêncio*” (Salmos 115:17).

O termo bíblico mais utilizado para descrever a morte é “sono”. A interpretação de Job é informativa. Refere-se basicamente ao facto de os mortos estarem ‘adormecidos’, mas também deixa claro que o grande evento futuro de purificação e “*restauração de todas as coisas*” (Atos 3:21) será o momento do seu despertar: “*assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono*” (Jó 14:12).

O termo é usado mais tarde por Jesus em relação a Lázaro: “*Nosso amigo Lázaro adormeceu*” (João 11:11). Pedro, referindo-se a David, diz: “*tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu*” (Atos 13:36). Devemos notar de passagem que Pedro tinha dito anteriormente sobre David que “*ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje...* [Ele não subiu ao céu]” (Atos 2:29, 34). Assim, os mortos aguardam a ressurreição no regresso de Cristo.

Mais uma vez destacamos o conhecimento de Job quando citamos a sua antecipação do próximo grande acontecimento: “*Todos os dias da minha idade esperarei até que chegue o meu livramento. Você ligará e eu responderei; terás saudades da criatura que as tuas mãos fizeram*” (Jó 14:14, 15, NVI). Foi dito a Daniel: “*Descansa, e no fim dos dias te levantarás para receber a herança que te foi atribuída*” (Daniel 12:13, NVI).

Os acontecimentos futuros para o crente do Antigo Testamento começam com a ressurreição. A Bíblia indica que isto é igual para os crentes do Novo Testamento. Estão incluídos nos ‘muitos’ de Daniel 12:2: “*Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna*”. A confirmação abundante é apresentada no Novo Testamento. “*o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor*” (Hebreus 13:20), também trará dos mortos, como fez com Jesus, “*os que dormem*” (1 Tessalonicenses 4:14). Romanos 8:11 repete quase literalmente que aquele: “*que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal*”.

Por duas vezes nos seus escritos aos Coríntios, Paulo afirma que Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos ressuscitará (1 Coríntios 6:14; 2 Coríntios 4:14). “*então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória*” (1 Coríntios 15:54). Note também as palavras de Jesus: “*as portas do inferno [Hades] não prevalecerão contra ela*” (Mateus 16:18).

A antecipação da ressurreição também reafirma os crentes no seu domínio e herança terrena, proclamada de acordo com Mateus 25:31-34 pelo Filho do Homem quando vier em glória e ‘se sentar no trono da sua glória’: “*Vinde, benditos de meu Pai, herdai o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo*”. Pedro descreve brevemente a cena da terra renovada e aquilo a que ele tinha chamado anteriormente a “*restauração de todas as coisas*” (Atos 3:21). “*segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça*” (2 Pedro 3:13).

Estas promessas e proclamações positivas, juntamente com declarações negativas de Jesus, tais como: “*Ora, ninguém subiu ao céu, senão... o Filho do Homem*” (João 3:13), e “*para onde eu vou, vós não podeis ir*” (João 13:33), mostram como a esperança platónica de estar na “presença de Deus” quando se morre é contrária ao ensino das Escrituras.

## O que é o homem? Salmo 8:4 – Resumo

O homem foi criado na terra. *Génesis 1:26, 27*

Feito da terra. *Génesis 2:7; Salmo 103:14*

Feito para governar a terra. *Génesis 1:26-28; Salmo 8:6*

Feito para herdar a terra. *Romanos 4:13; Gálatas 3:29*

Ele morrerá na terra.

Será enterrado na terra.

Será novamente a terra. *Génesis 3:19; Jó 34:14; Salmo 104:29; Eclesiastes 12:7*

Ele vai dormir no chão. *Daniel 12:2*

Ele surgirá da terra. *Isaías 26:19*

Ele será julgado na terra. *Provérbios 11:31; Isaías 24:21; Mateus 25:31-46*

Ele será recompensado na terra. *Mateus 16:27; Apocalipse 22:12*

ou castigado na terra. *Provérbios 11:31; Mateus 16:27; 25:41-46*

Será reintegrado como governante. *Daniel 7:27; Mateus 19:28; Lucas 12:42-44; 19:12-19*  
na terra. *Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10*

Ele herdará a terra. *Salmos 37:9, 11, 18, 22, 29, 34; 115:16; Gálatas 3:29*

o Será consumido da terra. *Salmo 104:35*

## Um Breve Esboço Histórico da Platonização do Cristianismo

Finalmente, a doutrina cristã foi articulada em termos platónicos. Por exemplo, citamos *Platão* dizendo: “A alma é imortal”. Esta afirmação provém do Manual de Doutrina de uma grande denominação evangélica: “A alma é imortal; é, viverá após a morte do corpo”. A mesma fonte afirma: “A morte ... é a separação da alma do corpo”. Compare-se a afirmação de Platão: “Será a morte ... algo mais do que a separação da alma do corpo?”

Atribuímos a crença tradicional no céu instantâneo e no inferno sem fim ao ensinamento de Platão sobre a imortalidade da alma. Note-se que a doutrina da imortalidade da alma não teve origem com *Platão*. As antigas civilizações do Egito e da Babilónia fizeram provisões para as experiências pós-morte dos seus falecidos, como exemplificado por coisas como navios, equipamento de caça e provisões nas pirâmides.

Mas antes das primeiras civilizações registadas, temos um registo documentado da crença na imortalidade da alma – desde os dois primeiros capítulos da Bíblia. No Jardim do Éden existia uma árvore chamada *Árvore da Vida*. Este nome referia-se obviamente à vida eterna (imortalidade), pois já estavam vivos! Por isso, é mais claro chamar-lhe *Árvore da Imortalidade*. A confirmação vem da declaração de Deus de que se comessem do fruto desta árvore, viveriam

para sempre (*Gênesis 3:22*). Adão e Eva foram autorizados a comer dele. A imortalidade estava disponível (*Gênesis 2:8, 9*).

Eles participaram nisso? Não! Quando foram expulsos do jardim, Deus colocou querubins à entrada. Foram expulsos para “*que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente*” (*Gênesis 3:22*). Os querubins foram colocados à entrada para guardar o caminho para a árvore da imortalidade (*versículo 24*). O que poderia ser mais claro do que o facto de a oportunidade para a imortalidade estar agora perdida! Só na “restauração de todas as coisas” (*Atos 3:21*), incluindo o Éden, é que a árvore da imortalidade estará novamente disponível, e isto para o “vencedor” (*Apocalipse 2:7*), “*para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas*” (*Apocalipse 22:2, 14*).

Temos ainda de identificar o criador da fábula de que o homem “não morrerá”. As falsas garantias vinham da boca da serpente.

A partir do Jardim do Éden, o caminho da filosofia religiosa “bifurcou-se”. Duas filosofias religiosas foram formuladas. A primeira, a de Deus, declarou: “*certamente morrerás*” (*Gênesis 2:17*); a segunda, a de Satanás, declarou: “*Não morireis*” (*Gênesis 3:4*). Todo o sistema religioso, filosofia, denominação, credo ou culto segue um ou outro destes ramos da teologia: o de Deus (o homem é mortal) ou o de Satanás (o homem é imortal). As visões históricas abaixo darão exemplos destas opções.

Alguns seguiram a bifurcação de Deus. Considere Abraão, que testificou: “*eu que sou pó e cinza*” (*Gênesis 18:27*). A sua filosofia de morte, ressurreição e recompensa é ilustrada pela compra de bens funerários na terra que possuirá (*Gênesis 23:4-9*). Seguindo a sua fé e exemplo, Jacob insistiu em ser sepultado na terra prometida para estar pronto e no lugar certo para a ressurreição e a herança (*Gênesis 49:29-33*). Mais tarde, José fez os filhos de Israel jurarem que levariam os seus ossos de volta para a terra prometida quando Deus abrisse o caminho para o seu regresso (*Gênesis 50:25*). Citámos anteriormente o testemunho de Job (*33:4; 27:3; 34:14; 14:12, 14*), que revela notavelmente a sua clara compreensão da natureza do homem, da morte e do futuro.

Vejamos agora alguns pontos históricos importantes relacionados com aqueles que escolheram o garfo de Satanás. Já falámos das primeiras civilizações do Egito e da Babilónia. Continuando ao longo desta bifurcação, somos informados dos “amantes da sabedoria” (filósofos) da Grécia, incluindo *Platão*, que admiraram, estudaram e depois abraçaram a “sabedoria” do Egito. Cedo se tornaram defensores influentes da imortalidade da alma, da sua fuga para o reino celestial após a morte e de outras consequências falaciosas.

Outra notícia histórica surge antes de chegarmos à adoção do platonismo pelos cristãos. Alguns judeus, o povo eleito de Deus, seguiram o caminho errado. O falecido *George Park Fisher*, outrora estimado professor de História Eclesiástica na Universidade de Yale, faz esta observação:

“Em Alexandria surgiu um tipo peculiar de teologia judaica, na qual a filosofia platónica estava curiosamente misturada com o ensino do Antigo Testamento!”<sup>[7]</sup>

Um dos filósofos judeus influenciados pela filosofia platónica foi o famoso *Platão*, que lecionou na Universidade de Alexandria:

“misturou o ensino de *Platão* com a doutrina de Moisés e dos profetas, e produziu o que se chama a ‘teologia alexandrina’, pela qual o Antigo Testamento ecoou com um som modificado o ensino das escolas de pensamento gregas”.<sup>[8]</sup>

A voz mais contemporânea de *Kenneth Scott Latourette* confirma esta observação da seguinte forma:

“O platonismo exerceu uma influência marcante no cristianismo. “Entrou através de muitos canais, incluindo o judeu helenístico *Filon*, que foi utilizado por alguns dos primeiros escritores cristãos”. [9]

À medida que a comunidade cristã crescia em Alexandria, a “teologia alexandrina”, segundo *Fisher*:

“fizeram as primeiras tentativas sérias entre aqueles que aderiram aos grandes factos e verdades do evangelho, para ajustar as relações da doutrina cristã com a razão e a filosofia”. [10]

À medida que avançamos para o segundo e terceiro séculos da era cristã, verificamos que o platonismo é cada vez mais aceite. A maioria dos estudiosos, quase inconscientemente, apoiou e ensinou a doutrina platónica. A menção de dois professores proeminentes ajudará a reforçar a gravidade da situação. *Tertuliano* (c. 160-230 d.C.) foi um estudioso altamente instruído de Cartago e o primeiro autor de importantes escritos cristãos em latim. Aqui estão as suas palavras:

“Posso usar a opinião de Platão, quando declara que ‘toda a alma é imortal’”. [11]

*Orígenes* (185-254), pioneiro da teologia sistemática, escreveu “*Christian Platonists of Alexandria*” (Platonistas Cristãos de Alexandria). Como seria hoje recebido um tratado sobre os “platónicos cristãos da América”? Segundo a “*Encyclopedia Americana*” (Enciclopédia Americana), “a única conquista de *Orígenes* foi dar à filosofia um lugar nos credos da Igreja”. *George Park Fisher* observa que *Agostinho*, bispo de Hipona (354-430), estava “impregnado do espírito platónico”. [12] A “*Encyclopedia Britannica*” (Enciclopédia Britânica) refere:

“A sua mente foi o cadinho no qual a religião do Novo Testamento se fundiu mais completamente com a tradição platónica da filosofia grega”.

A sua mente foi também o canal através do qual o produto desta “fusão” foi transmitido às cristandades do catolicismo medieval e do protestantismo renascentista.

O mundo expandiu-se consideravelmente e os missionários, muitos deles com a liga do cristianismo platónico de *Agostinho*, atingiram os seus extremos. É ouvido e lido em todo o lado – no púlpito, no pódio do seminário e na televisão; em livros, revistas e catequeses trimestrais – este mesmo cristianismo platónico. A fusão de *Platão* e da Bíblia, e a difusão da liga assim produzida, resultaram em confusão e terrível ignorância sobre a natureza e o destino do homem.

Diz-se que *Agostinho* moldou o conceito ocidental básico de alma. Uma vez que foi moldado desta forma há mais de 1.500 anos, há alguma esperança de o remodelar de acordo com o modelo bíblico?

## A gravidade do Problema

Sob muitos pontos de vista, acreditamos que o Cristianismo Platónico é um assunto muito sério. Até agora, a ameaça que representa passou em grande parte despercebida. A filosofia de *Platão* era mais temível para a Igreja Cristã dos primeiros séculos do que o Judaísmo. Uma vez que constituía a cultura de uma percentagem tão elevada de cristãos, não era provável que fosse

considerado um inimigo. A última coisa sobre a qual gostaríamos de ser avisados seriam as nossas crenças tradicionais. É difícil admitir que nós, os nossos pais, os nossos professores, os nossos livros escolares ou a nossa denominação possamos estar errados.

Paulo, que compreendeu perfeitamente esta situação, advertiu-nos especificamente: “*Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens*” (Colossenses 2:8).

Paulo advertiu Timóteo: “*Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas*” (2 Timóteo 4:3, 4). É surpreendente observar quão poucos pregadores, professores e escritores estudaram cuidadosamente, com uma mente imparcial, assuntos como a natureza e o destino do homem; o significado de “alma”, “espírito”, “morte”; o estado intermédio; a hora, o lugar e a natureza da recompensa do crente e do castigo dos perdidos. Sermões, materiais de escola dominical, artigos de revistas, livros e fitas cristãs mostram esta trágica ignorância. Numa tal situação, que esperança tem o cristão médio, que nunca estuda a Bíblia por si mesmo, mas antes recorre à filosofia platônica como verdade do Evangelho?

Quando “guias cegos de cegos” são contactados a propósito dos seus ensinamentos não bíblicos, referem-se às declarações doutrinárias da sua denominação como o critério último da verdade. Precisamos de escrever com letras de fogo no céu evangélico: “*À lei e ao testemunho!*” Se não dizem isso, é porque ainda não perceberam (Isaías 8:20).

A negligência é grave e deixa-nos expostos ao erro. Vejamos algo mais grave do que a negligência. É a inversão das Escrituras para as alinhar com a nossa teologia platônica. Pessoalmente, preferíamos que alguém fosse descuidado com o que dizemos, em vez de propagar como nosso algo que não dissemos, ou mesmo o contrário do que dissemos. Se isto é inaceitável a nível humano, como podemos avaliar a seriedade de tratar as Escrituras desta forma? No entanto, isto é feito em diversas questões doutrinárias básicas.

Por exemplo, o cristão deve “*aguardar dos céus o seu Filho*” (1 Tessalonicenses 1:10), mas **a mensagem do Evangelho de hoje é IR para o seu Filho PARA o céu (Platão)**. Embora nos seja dito especificamente: “A morada de Deus será com os homens”, os pregadores platônicos dizem-nos que a morada dos homens será com Deus. Aparentemente rejeitando o ensinamento de Jesus de que “*Porque o Filho do Homem há de vir... então, retribuirá a cada um conforme as suas obras*” (Mateus 16:27), e a sua mensagem em Apocalipse 22:12: “*E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão*”, diz-se que muitos crentes que partiram “foram para a sua recompensa”. São também chamados “com o Senhor”, apesar da declaração clara de Paulo e da oração expressa de que “*sejais ignorantes com respeito aos que dormem*” (1 Tessalonicenses 4:13); Depois disso, salienta que eles e nós “*seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares [pela primeira vez], e assim [naquele momento], estaremos para sempre com o Senhor*” (versículo 17).

Muito pouco se prega sobre a ressurreição dos crentes no regresso de Cristo. Desde a invenção do “céu”, esta já não é a maior expectativa do crente, como era para Paulo (Filipenses 3:10, 11). Com a ênfase no céu, a redenção da criação, a “*restauração de todas as coisas*”, perdeu em grande parte a sua importância.



O “*evangelho do céu*” quase substituiu o “*evangelho bíblico do Reino*” que trará o Rei de volta, pois “*então virá o fim*” (*Mateus 24:14*) e o Rei. Alguns parecem ter pouco interesse nisso, desde que possam “fazer o céu”. Outros querem combinar os dois: deixá-lo voltar e levar-nos para o céu.

Uma nova filosofia facilmente identificada como platônica ensina que o planeta Terra, material, eterno e grande, “*não é a minha casa; estou só de passagem*”, e faz-nos esquecer a intenção expressa do Criador. Faz-nos esquecer afirmações específicas como: “*Lançaste os fundamentos da terra, para que ela não vacile em tempo nenhum*” (*Salmos 104:5*) e a antecipação expressa por Pedro de que “*segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça*” (*2 Pedro 3:13*), bem como a sua referência à “*restauração de todas as coisas*” (*Atos 3:21*).

*Eugene E. Carpenter*, num admirável tratado sobre “Cosmologia”, observa:

“Quanto à criação original, Deus é o seu Criador perfeito; quanto à restauração e redenção dessa criação original, ele torna-se o seu novo Criador ou, como é mais vulgarmente chamado, o seu Redentor. A nova criação de Deus, como veremos, está intimamente relacionada em natureza, propósito e objetivo com a sua primeira criação... Deus não criou arbitrariamente; Criou inicialmente o material que seria recetivo aos seus projetos e objetivos posteriores”. [13]

Isto é, de facto, motivo de séria preocupação. Qualquer tradição pode ser dominante e escravizadora. A tradição teológica pode ser uma algema de ferro. As tradições antropológicas, tanatológicas e escatológicas são como a cela interior da prisão de Filipos (*Atos 16:24-26*) – nada mais do que um “terramoto” nos libertará. A experiência de um sismo geofísico ou mental (teológico) não é muito agradável; mas pode ter de acontecer.

Precisamos reconhecer uma maneira mais suave pela qual a verdade de Deus pode entrar em um coração preconceituoso. Apenas dez versículos antes deste relato, e na mesma cidade de Filipos, lemos de Lídia que “*o Senhor lhe abriu o coração*” (*versículo 14*). Isto não sugere um terramoto. Pode ter sido a mente aberta da classe bíblica feminina descrita neste contexto que fez com que Lídia cedesse voluntariamente às influências do Espírito Santo, através da pregação de Paulo. Mas há mais casos de dureza de coração e mente fechada, que exigem um terremoto, do que do tipo de Lídia.

*Will Durant*, nas suas obras monumentais, acusa *Platão* de colocar o destino do homem, o “Estado Ideal”, “algures no céu... eternamente com Deus”, ou “em tormento perpétuo com o diabo”. [14] Ninguém negará o “alcance e domínio” de tais crenças, mesmo que não tenha consciência da sua origem satânica. O seu domínio é ainda mais fomentado pela sua aceitação por parte de líderes eclesiais notáveis como *Tomás de Aquino*, *John Wycliffe*, *Jan Hus* e *João Calvino*, citados por *Will Durant*. [15] Estas opiniões são transmitidas às gerações posteriores através da pregação (igreja, rádio, televisão, ministério de fitas), da literatura cristã (comentários, notas bíblicas, histórias, alegorias) e de um grande número de publicações devocionais. Os periódicos cristãos abundam em propaganda platônica, mas provavelmente a influência mais poderosa é a nossa hinologia, da qual uma grande percentagem de hinos “nos leva ao céu” no último verso. *Kenneth Scott Latourette*, “o príncipe dos historiadores da igreja”, não só enfatizou o efeito do platonismo (ou neoplatonismo, como foi chamado mais tarde) na teologia cristã, como também expressou o seu receio de que:

“Muito do que é considerado Evangelho sacrificou as características essenciais do Evangelho”.

[16]

Como podemos persistir em chamar-nos “protestantes”, quando já não “protestamos” contra a doutrina platónica da Igreja de Roma? Lutero sublinha que foi o Papa, e não a Bíblia, que ensinou a doutrina da imortalidade da alma. E *Adam Clarke*, reconhecido “príncipe dos comentadores”, afirma que uma doutrina que não se encontra na Bíblia não é uma doutrina bíblica. Contudo, o prefácio do editor ao seu Comentário Abreviado fornece a data em que ele “partiu para a sua recompensa eterna”. Não acreditamos que *Adam Clarke* tenha encontrado isso na Bíblia.

Alguns ignoram a questão rejeitando a literatura, ignorando a correspondência ou evitando argumentos construtivos. Outros dão uma desculpa esfarrapada de que não acreditam em tudo o que dizemos nem na “nossa interpretação”. O facto é que as suas próprias palavras os revelam como aqueles que, ao contrário dos Tessalonicenses, “*tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens*” (ver *1 Tessalonicenses 2:13*).

Outra atitude comum é a procrastinação: “Ladrão do nosso tempo, do seu tempo e do tempo de Deus”. Deixam o assunto urgente “em banho-maria” e nunca ligam o gás. Imitaram a observação de Félix: “Quando tiver oportunidade, telefonar-te-ei” (Atos 24:25). Algumas pessoas estão a demorar muito tempo para encontrar um “bom momento”!

Muitos cristãos testemunham que recebem “nova luz” das Escrituras com demasiada frequência, mas quando a luz lhes é revelada sobre estas questões primárias, rejeitam-na e atraem sobre si uma escuridão mais profunda, como as Escrituras advertem: “*Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apanhem*” (*João 12:35*).

A forma e a extensão da rejeição variam. Alguns usam termos fortes como “erro”, “heresia” e “antibíblico”, sem apontar o que acreditam ser um erro, muito menos discuti-lo com uma Bíblia aberta. Outros dedicam tempo a enumerar honestamente, por exemplo, passagens que acreditam “provar” que vamos para o céu, mas não comentam essas passagens, que são obviamente retiradas do contexto e mal interpretadas. Assumimos que a atitude extrema em relação aos portadores da verdade seria classificá-los como “sectários”, mencionando por vezes a própria seita a que se referem. Que maldição para tanta cegueira e ignorância!

## Resumo

Quando Deus diz: “Tu és pó”, *Platão* diz: “Tu és espírito”, e a Igreja Cristã toma o partido de *Platão*; Quando Deus diz: “Certamente morrerás”, *Platão* diz: “Existe algo chamado morte? Será algo mais do que a separação da alma do corpo?” e a Igreja Cristã aceita *Platão*; Quando a Bíblia diz que o futuro do cristão depende da ressurreição, *Platão* ensina o “céu instantâneo”, e o credo “cristão” reconhece *Platão*; quando a Escritura ensina a destruição, a aniquilação dos ímpios, Dante fá-los passar por fases sucessivas de tormento sem fim, e a Igreja Cristã aceita Dante; Temos não só uma situação sem precedentes e insuperavelmente trágica, como também um desafio!

Note-se que a prevalência do platonismo representa uma falha em atender às advertências de Paulo contra as incursões ameaçadoras da filosofia platónica. Indica negligência e ignorância do ensino das Escrituras sobre estes assuntos específicos, relativos à natureza e ao destino do homem. Inclui pregar como verdade do Evangelho coisas que as Escrituras não dizem; e muitas vezes distorcendo as Escrituras para as adaptar à tradição popular.

Diminui o valor material: o corpo humano e o nosso eterno e grande planeta Terra. Denuncia os portadores da verdade como hereges, relutantes em envolver-se num estudo bíblico aberto e em

espírito de oração sobre as questões em consideração. Substitua o “Evangelho do Reino” que trará de volta o Rei, pelo Evangelho do céu.

## NOTAS FINAIS

- [1] *“Great Dialogues of Plato”* (Grande diálogo de Platão) (tradução, Rouse), p. 467.
- [2] *Ibid.*, p. 484.
- [3] *Ibid.*, p. 467.
- [4] *Ibid.*, p. 519.
- [5] *Ibid.*
- [6] *Ibid.*, p. 485.
- [7] *George Park Fisher, “History of the Christian Church”* (História de la Igreja Cristiana), 1893, p. 15.
- [8] *Ibid.*, p. 71.
- [9] *Kenneth Scott Latourette, “A History of Christianity”* (Uma História do Cristianismo), 1975, Vol. 1, p. 260.
- [10] *Fisher, “History of the Christian Church”* (História de la Igreja Cristiana), p. 122
- [11] *Tertullian, “On the Resurrection of the Flesh”* (Sobre la Ressurreição de la Carne), cap. 3.
- [12] *Ibid.*
- [13] *Eugene Carpenter, “Cosmology: A Contemporary Wesleyan Theology”* (Cosmologia: Uma Teologia “Wesleyana Contemporânea”), 1983, p. 176.
- [14] *Will Durant, “The Story of Civilization”* (La História da Civilização), 1953, Vol. 4, p. 73
- [15] *Ibid.*, p. 74.
- [16] *Latourette, “A History of Christianity”* (Uma História do Cristianismo), Vol. 1, p. 122.